



.....  
"Suzanne é uma das  
minhas autoras preferidas"

.....  
- JULIA QUINN  
.....

SUZANNE ENOCH

.....  
*Como salvar  
um herói*

 HARLEQUIN®

SUZANNE ENOCH

.....  .....

*Como salvar  
um herói*

TRADUÇÃO  
THALITA UBA

 **HARLEQUIN®**

Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2004 by Suzanne Enoch. All rights reserved.  
Título original: England's Perfect Hero

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela Harlequin Enterprises II B.V./ S.Á.R.L para Editora HR Ltda.

A Harlequin é um selo da HarperCollins Brasil.

Contatos: Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (21) 3175-1030

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Editor: *Julia Barreto*

Copidesque: *Marcela Oliveira*

Revisão: *Rayssa Galvão*

Capa: *Renata Vidal*

Tratamento de imagem: *Wesley Jhonatha*

Diagramação: *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E51c

Enoch, Suzanne

Como salvar um herói / Suzanne Enoch; tradução Thalita Uba. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2020.

Tradução de: England's perfect hero

ISBN 9786550990619

1. Romance americano. I. Uba, Thalita. II. Título.

20-62926

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

## Sumário

}

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Sobre a autora](#)

*Para Nancy Bailey, Sheryl Law,  
Sally Wulf e Sharon Lyon —  
o melhor grupo de apoio da hora do almoço do mundo.  
Obrigada, meninas.*

## Prólogo

}

A CHUVA COMEÇOU A BATER na janela com mais força, como se estivesse tentando se fazer ouvir em meio à discussão que se desenrolava no salão de visitas de Lucinda Barrett.

— Deveríamos colocar tudo isso no papel — disse Lucinda, erguendo a voz para ser ouvida mesmo com o barulho da chuva e o debate corrente.

Ela e as amigas, bastante exaltadas no momento, concordavam que a maioria dos homens não fazia ideia de como se portar feito um cavalheiro, mas chegar a essa conclusão não causara outra coisa além de frustração e um bocado de irritação. Era hora de agir.

Ela pegou várias folhas de papel em branco de uma gaveta e retornou à mesa, distribuindo-as.

— Nós três exercemos bastante influência, especialmente sobre os tais *cavalheiros* a quem essas regras se aplicariam — continuou.

— E estaríamos fazendo um favor a outras mulheres — emendou Georgiana Halley, sua expressão irritada ficando mais reflexiva.

— Mas uma lista não ajudará ninguém além de nós mesmas — contrapôs Evie Ruddick, mesmo tendo aceitado o lápis de Lucinda. — Se é que de fato nos ajudará.

— Ah, ajudará, sim... Quando colocarmos nossas regras em prática — retrucou Georgiana. — Proponho que cada uma de nós escolha um homem e lhe ensine o que ele precisa saber para impressionar uma dama adequadamente.

Aquilo fazia sentido.

— Sim, por favor — concordou Lucinda, batendo a mão na mesa em concordância.

Georgiana riu quando começou a escrever.

— Poderíamos mandar publicar nossas regras. *Lições de amor*, por Três Distintas Damas.

*Lista de Lucinda*

1. *Ao falar com uma dama, um homem deve prestar atenção no que ela diz, e não ficar examinando o recinto durante a conversa, como se estivesse procurando por alguém mais interessante.*
2. *Em um baile, um cavalheiro deve dançar e interagir. É rude comparecer a um evento com o único propósito de marcar presença ou de ser visto — sobretudo quando algumas damas acabam desacompanhadas.*
3. *Um cavalheiro não deve limitar seus interesses às últimas tendências populares. Uma mente arguta é mais interessante que um nó de gravata bem-feito.*
4. *O mero fato de um cavalheiro estar cortejando uma dama não significa que ele precisa concordar com tudo que o pai dela diz — embora ainda deva ser respeitoso, mesmo quando o pai não está presente.*

— Isso é divertido — disse Evelyn, assoprando o papel para remover o excesso de grafite.

— Eu tenho uma dúvida — anunciou Lucinda, examinando o que havia escrito. — Se criarmos três homens perfeitos, estaremos fazendo um favor à sociedade ou arruinando as chances de todos os outros homens de encontrar uma parceira?

Georgie riu.

— Ah, Luce. A questão aqui é se algum homem tem a capacidade de aprender a se comportar para ganhar a admiração e o respeito de uma dama.

— Sim, mas, se treinarmos esses homens hipotéticos, deveríamos ao menos ter uma ideia do que fazer com eles depois — retrucou Lucinda. — Afinal, preciso presumir que teremos êxito.

— Você tem mais confiança que eu, Luce, mas, por outro lado, eu e Georgie temos irmãos homens. — Evie sorriu. — O que não é, necessariamente, motivo de se gabar.

— E meu pai é general.

— Declaro que nós três estamos devidamente preparadas para o desafio. — Georgiana deslizou seu papel pela mesa no sentido

horário, pegando o de Lucinda. — Boa lista.

Todas se alternaram para ler as listas umas das outras. Lucinda, ao menos, ficou perplexa ao perceber como eram... pessoais. E como remetiam às autoras.

— Então, quem será a primeira? — perguntou Evelyn.

As três se entreolharam, então caíram na gargalhada.

— Bem, de uma coisa eu sei — declarou Lucinda. — Não nos faltam potenciais alunos para escolher.

## Capítulo 1

}

*Jamais vi um homem em condição tão deplorável.*

— Robert Walton, *Frankenstein*

### *Catorze meses depois*

— NÃO, NÃO ACHO QUE você tenha trapaceado, Evie, e gostaria que parasse de dizer isso.

Lucinda Barrett lançou um olhar exasperado à amiga, afundando ainda mais no assento da janela.

— Eu sei — respondeu Evie —, mas eu só pretendia ensinar uma lição a um canalha. E acabei casada com ele. — Fazendo uma careta, ela se levantou, foi até o refúgio de Lucinda e voltou. — Quero dizer, pelo amor de Deus, menos de dois meses atrás eu era apenas a medíocre e entediante Evie Ruddick, agora sou a Marquesa de St. Aubyn. Não consigo nem acreditar...

— Você nunca foi medíocre ou entediante, Evie — interrompeu Georgiana enquanto entrava no salão de visitas e gesticulava para que o mordomo fechasse a porta. — E, já que estamos nos desculpando, me perdoem, em primeiro lugar, por estar atrasada para meu próprio chá e, em segundo, porque parece que também me casei com o alvo da *minha* lição.

Lucinda sorriu.

— Nada disso é uma ofensa pela qual você precise se desculpar, Georgie.

Sorrindo, Georgiana conduziu Evie para o sofá e se acomodou cuidadosamente ao lado dela.

— Talvez, mas, pouco mais de um ano atrás, eu teria dado um tiro em qualquer pessoa que sugerisse que eu me casaria com Tristan Carroway. E, agora, cá estou, Lady Dare, e a dois meses de colocar mais um Carroway no mundo.

Evelyn riu.

— Talvez seja uma menina.

Georgiana se remexeu, claramente desconfortável.

— Isso seria apenas o começo de uma reparação, para mim. Jamais entenderei como a mãe de Tristan conseguiu ser corajosa o suficiente para ter outros quatro garotos, depois do exemplo do primeiro filho. Se não fosse por suas tias, eu estaria em enorme desvantagem. E no momento elas me abandonaram para desfrutar as fontes termais de Bath.

— Por falar nos irmãos Carroway — disse Lucinda, sabendo que estava enrolando de propósito, uma vez que tinha finalmente decidido contar às amigas sobre seus planos —, ouvi você dizer que o Tenente Carroway está de volta a Londres...

— Sim. O navio de Bradshaw deve chegar a Brighton no final da semana. Ele espera ser alocado para uma missão nas Índias Ocidentais, imagine só. — Georgie estreitou os olhos. — Por que quer saber de Shaw? Você decidiu usá-lo para sua lição?

— Meu Deus, não. — Lucinda sentiu suas bochechas esquentarem. — Pode imaginar a reação do meu pai se eu voltar a atenção a um homem da Marinha? Não que ensinar uma lição signifique um casamento iminente, é claro.

Evie bufou.

— Mas as chances parecem grandes.

O olhar de Georgie era mais especulativo.

— Não é uma possibilidade que você deveria ignorar. — Ela bebericou o chá, fitando Lucinda por cima da xícara, como uma cigana vidente de cabelos louros. — Você escolheu seu aluno.

— Ah, eu sabia! — exclamou Evie, batendo palminhas. — Quem é o vilão?

Hesitando, Lucinda olhou de uma amiga casada e bem-sucedida em sua missão para a outra. O que diriam se soubessem que ela observara seus manejos com uma combinação crescente de interesse e inveja? Será que tinham percebido que, desde que Evie se casara com St. Aubyn, Lucinda estava se empenhando mais na busca de um aluno para si própria? E não apenas um aluno que precisasse de uma lição, mas alguém com quem quisesse se casar.

Lucinda suspirou. É claro que tinham percebido. Elas eram suas amigas mais próximas, afinal.

— Bem, eu reduzi o número de possibilidades...

Sim, ela havia reduzido. A um.

— Conte-nos — pressionou Georgiana. — Muito dessa ideia de dar uma lição nos homens veio de você, de toda forma. Chega de adiar, minha querida.

— Eu sei, eu sei. É só que...

— E chega de desculpas — interrompeu Evie.

— Está bem. — Lucinda respirou fundo. — É Lorde Geoffrey Newcombe.

Ela se calou, observando a reação das amigas.

Lorde Geoffrey, o quarto filho do Duque de Fenley, era, possivelmente, o homem mais bonito que já tinha visto. Outras mulheres que compartilhavam dessa opinião referiam-se a ele simplesmente como “Adônis”. Cabelo louro encaracolado, olhos verde-claros, ombros largos e um sorriso capaz de encantar uma naja — não era de se admirar que as mulheres se jogassem a seus pés com uma regularidade quase calculada.

E esse era o problema. A escolha era obviamente direcionada mais ao matrimônio do que à lição a ser dada. Chovia cavalheiros solteiros de péssimo comportamento em Mayfair. John Talbott, por exemplo. De que importava se ele ostentava uma monocelha que ia quase de orelha a orelha? Ou então Phillip R...

— Lorde Geoffrey — repetiu Georgiana lentamente. — É uma escolha esplêndida.

— Sim — disse Evie, abrindo seu sorriso travesso. — Concordo.

O alívio fez Lucinda relaxar os ombros.

— Obrigada. Eu realmente pensei muito nisso. Quer dizer, ele é um herói de guerra, algo que meu pai com certeza aprovaria, e é bastante bonito, mas, ao mesmo tempo, poderia muito bem aprender umas lições. Ele é arrogante, insensível... — Ela se interrompeu. — Receio estar sendo terrivelmente óbvia com relação ao motivo de tê-lo escolhido.

— Não, não está — garantiu Evelyn. — Você está sendo brilhante, como sempre. Quer dizer, como poderia ignorar o fato de que tanto Georgie quanto eu nos apaixonamos por nossos alunos e acabamos casadas? Você *precisa* levar isso em consideração.

Georgie concordava.

— E também não pode ignorar que você e seu pai são bastante próximos e que o General Barrett precisa ter certo apreço pela

pessoa que você decidir tomar como aluno, independentemente de você estar cogitando qualquer coisa além das lições.

— Exato — disse Lucinda, feliz com o esforço das amigas para justificar sua escolha. — Até onde sei, meu pai tem Lorde Geoffrey em grande estima, e sei que teme que eu fique sozinha quando bater as botas, como ele mesmo diz.

Georgiana deu risada e se levantou, desajeitada, para levar a chaleira até Lucinda.

— Eu nunca a vi dar um passo em falso, Luce. Como podemos ajudar?

— Ah, acho que consigo li... — A xícara transbordou, derramando chá no pires e no vestido de Lucinda. — Georgie!

A viscondessa deu um pulo, endireitando a chaleira e desviando o olhar da janela.

— Ah! Perdão! É só que... Vejam!

Na via de entrada da casa, o cunhado mais novo de Georgiana, Edward, de 10 anos, estava se empoleirando no banco de uma carruagem de corrida. Quem o ajudava era o novo marido de Evie, o Marquês de St. Aubyn.

— Santo! — exclamou Evie, correndo até a porta. — Edward vai perder um braço! Santo!

Georgie estava logo atrás.

— Edward! Não ouse...

Rindo, Lucinda depositou com cuidado a xícara cheia na mesinha.

— Não se preocupem comigo — murmurou, levantando-se. — Só levei um banho de chá quente.

No decorrer do último ano, passara a conhecer a Residência Carroway quase tão bem quanto a própria casa. Dando uma última olhada para ter certeza de que ninguém estava matando ninguém lá fora, subiu as escadas até um dos quartos vagos.

Não sabia como Georgiana lidava com Dare, os quatro irmãos mais novos e as duas tias, mas a amiga parecia se regozijar no caos — bem como Evie, diante das traquinagens ininterruptas de Santo. É claro que, desde os seus 5 anos, os moradores da Residência Barrett eram apenas ela e o pai, o General Augustus Barrett. Lucinda estava muito mais acostumada com a quietude do que com a algazarra que Georgie enfrentava.

Mergulhou um pano numa tina cheia e esfregou a mancha de chá do vestido.

— Droga, droga, droga — murmurou, franzindo a testa para a mancha cada vez mais escura no corpete do vestido de musselina verde.

Um movimento fugaz no reflexo do espelho chamou a sua atenção. Olhos azuis, de um tom tão intenso quanto lagos sem fundo refletindo no verão, fitavam-na. Ela se virou assustada.

— Minha nossa! Lamento muito! Eu não queria...

Era um dos irmãos Carroway, é claro. O Carroway, pelo que diziam os rumores. Ele estava sentado em uma poltrona perto da janela, com um livro aberto na mão.

Robert. O irmão do meio. O que havia sido ferido em Waterloo. Aquele que as más-línguas diziam “não bater muito bem da cabeça”. Lucinda podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que o vira em público desde que ele retornara da guerra. E nunca chegara a trocar duas palavras com ele desde então, nem mesmo no casamento de Georgie e Tristan.

Lentamente, Robert fechou o livro e se levantou.

— Culpa minha — disse, em uma voz baixa e rouca. — Perdoe-me.

— Não vá — pediu ela, abaixando, com certo atraso, o pano que segurava contra o peito. — Estou apenas limpando o vestido. Receio que seu irmão Edward esteja decidido a aprender a dirigir uma carruagem de corrida, a despeito das objeções de Georgiana.

Robert parou na metade do caminho até a porta.

— Ele jogou chá em você?

— Ah, meu Deus, não! Foi Georgie quem derramou, quando o viu pela janela conspirando com St. Aubyn. — Rindo, ela esfregou o pano novamente, em um local mais digno. — Pelo visto, eu deveria ter me esquivado.

Como ele sabia que era chá? Ela se lembrou dos cochichos que diziam que aqueles olhos azuis percebiam tudo. *Bobagem*. Devia ter sentido o cheiro ou algo assim.

O olhar azul-escuro a analisou por mais um instante. A magreza de seu rosto havia diminuído naqueles últimos três anos, desde que ele voltara para casa, mas o corpo ainda era esguio e circunspecto

— *como um lobo*, pensou Lucinda. E, independentemente dos rumores, aquele olhar era demasiado... inquietante.

Robert trincou o maxilar, então, fazendo um esforço visível, relaxou os ombros.

— Já escolheu?

Ela o encarou sem entender.

— Escolheu o quê?

Aquele olhar cobalto pareceu estremecer, então parou de fitá-la.

— Nada. Boa tarde.

Com alguns poucos passos levemente mancos de suas pernas longas, ele saiu.

Lucinda ficou olhando para a porta por um instante, então voltou-se para o livro que ele tinha deixado no peitoril da janela. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*, por Mary Shelley. As bordas das páginas estavam gastas e a capa partida, como se ele — ou alguém — tivesse lido até quase despedaçar a brochura.

— Luce?

— Estou aqui.

Um instante depois, Georgie entrou no aposento.

— Eu afoguei você em chá? Está conseguindo limpar?

Lucinda balançou a cabeça de leve e voltou a se limpar.

— Não, não me afogou. Como está Edward?

Lady Dare suspirou.

— Descendo a rua em disparada com St. Aubyn segurando as rédeas. Desculpe por ter derramado chá em você.

— Não se preocupe. — Lucinda hesitou. — Georgie, você contou a alguém sobre as nossas lições?

A viscondessa franziu o cenho.

— Apenas para Tristan, e falei apenas de mim. Por quê?

*Por quê?* Será que era disso que Robert Carroway estava falando? Hum. Não, a menos que ele *realmente* pudesse ler mentes.

— Por nada. Estava apenas pensando. Pronto. Não vai ficar melhor que isso.

Lucinda seguiu Georgiana de volta para o corredor. Quando começaram a descer as escadas, olhou para trás bem a tempo de ver ombros largos sumirem quarto adentro.

— Georgiana — continuou, baixinho, quando chegaram à base da escadaria —, como anda o irmão do Tristan? Falo de Robert.

— Bit? — A viscondessa deu de ombros. — Ele parece estar se sentindo bem. Quase não manca mais. Por quê?

— Ah, por nada. É só que... Eu o vi lá em cima. Ele...

— Ele causa certo impacto, eu sei — complementou Lady Dare delicadamente. — Espero que não a tenha assus...

— Não! É claro que não. Ele só me pegou de surpresa.

Mesmo assim, já de volta ao salão de visitas, Lucinda não conseguiu evitar olhar para o andar de cima. O que ele queria dizer com aquela pergunta? E, se fosse o que ela suspeitava, como ele sabia?

## k

Robert Carroway foi até o topo da escadaria enquanto Georgiana e a Srta. Barrett reencontravam a amiga Evelyn e retornavam ao salão de visitas. Georgie se explicava em seu nome. Ele já tinha presenciado aquilo antes, mas ela nunca havia chegado tão perto de pedir desculpas. Ele sabia que Tristan, Georgie, Shaw, Andrew, as tias — todos tinham uma resposta pronta se alguém por acaso perguntasse dele ou, mais provavelmente, de sua ausência.

Ao menos Tristan o chamara para acompanhá-lo ao Tattersalls aquela manhã. Tristan sempre o convidava para acompanhá-lo; se não convidasse, Georgiana o fazia. Robert se perguntava quanto tempo levaria até que as recusas contínuas os desencorajassem. Às vezes, só concordava para que não desistissem completamente.

Talvez sua família não entendesse, mas eles permitiam que ele permanecesse sentado em silêncio quando desejava e que se afastasse quando se sentia sufocado pelas paredes. Visitas ou multidões, contudo, eram sinônimo de conversas educadas sobre o tempo, a moda e qualquer outra idiotice insignificante que as pessoas conseguissem arranjar para perder tempo. Robert estremeceu só de pensar.

Pegando seu livro, retornou mancando pelo corredor até o quarto de visitas. Sentia-se mais confortável em seu próprio quarto, mas gostava da brisa fresca da tarde. Além disso, podia ouvir quando as

três moças riam, lá no salão de visitas. Podia ouvir quando Lucinda ria. Ele se perguntou o que ela diria se percebesse que ele fazia questão de estar por perto sempre que ela passava por ali para visitar Georgiana.

— E de que diabos isso importa? — resmungou em voz alta, automaticamente olhando para a porta aberta ao falar.

*Pare com isso.* Estava em casa, na Inglaterra. Em Londres. Ninguém iria privá-lo de comida ou de água ou espancá-lo até desmaiar se ousasse falar. Ninguém fazia isso havia três anos. Ele estava livre, estava a salvo.

— Pare com isso — insistiu, forçando o olhar a permanecer fixo no livro, recusando-se a reconhecer que estava aliviado por ainda estar claro lá fora ou que queria desesperadamente desaparecer em seu quarto e trancar a porta. — Pare com isso. Pare...

— Eu já escolhi o quê?

Robert se encolheu, erguendo a cabeça de supetão e virando-se outra vez para a porta. Com a mesma rapidez, ele se levantou, antes mesmo que a mente pudesse registrar o que estava fazendo.

— Srta. Barrett.

Ele sempre pensara que o cabelo dela era castanho, até o dia em que a vira caminhando sob o sol do fim de tarde que se derramava pelo chão. Madeixas ruivas reluziam em meio ao alvoroço de cachos. Um cacho havia escapulado e acariciara a maçã de seu rosto. Sua pele parecia lisa e macia como creme.

— Desculpe — disse ela. Sua pele clara enrubesceu. — Não quis assustá-lo.

Vários segundos se passaram até Robert perceber que encarava a moça e que ela esperava uma resposta.

— Eu deveria ter ouvido você se aproximando.

Olhos cor de mel gentis o estudaram, enquanto ele esperava pelo comentário inevitável sobre o tempo. Geralmente, àquela altura de uma conversa — se Robert permanecesse por tanto tempo —, ele percebia desconforto, desdém, medo ou, o pior de tudo, pena. Lucinda Guinevere Barrett, no entanto, deu um pequeno sorriso.

— O general anda lendo um estudo sobre a tática dos índios americanos, os iroqueses, especificamente. Ele admira muito a

furtividade deles, então tenho treinado técnicas para pegá-lo de surpresa. Pelo visto, sou melhor nisso do que imaginava.

O General Augustus Barrett — outro motivo pelo qual Robert raramente comparecia a eventos sociais. Com certo esforço, afastou o pensamento do espectro abrupto de mosquetes, fumaça e gritos, retornando para a jovem alta e esguia ainda parada à porta que, para a sua infelicidade, era filha de Barrett. *Diga alguma coisa.*

— Seu aluno — soltou ele, cerrando os dentes tarde demais para impedir que tal idiotice escapasse de sua boca.

Ela piscou.

— Perdão?

*Esclareça*, gritou para si mesmo. *Pelo amor de Deus, você sabe compor uma frase completa.*

— Quer dizer, você já escolheu seu aluno?

Aquele belo rubor desapareceu de seu rosto.

— Como... O que... Como você sabe disso?

A expressão perplexa de Lucinda acabou servindo para deixá-lo mais confortável. Era uma expressão com a qual ele havia se familiarizado nos últimos três anos — embora, geralmente, também costumasse pontuar o momento em que ele dissera algo rude e direto e deveria bater em retirada. Naquela tarde, no entanto, Lucinda estava bloqueando a porta, e parecia que ele teria que permanecer ali. Para falar a verdade, parte dele queria ficar pelo tempo que ela ficasse. Robert deu de ombros.

— Eu presto atenção. Georgiana escolheu Tristan, e sua amiga, a Srta. Ruddick, optou por St. Aubyn, o que deixou você e minha cunhada preocupadas.

— Nós... não fomos tão óbvias assim, fomos?

Robert gostou do fato de ela não tentar negar a trama.

— Não. Não foram.

— Você... — Lucinda pigarreou. — Você não contou nada disso a qualquer outra pessoa, contou?

Robert sentiu a boca se curvar para cima, em um movimento tenso e não muito natural.

— Eu não costumo falar nada para ninguém, Srta. Barrett.

A expressão dela suavizou, e Lucinda abriu um sorriso que devia superar com folga o dele em termos de elegância e simpatia.

— Obrigada. Seria... constrangedor para todas nós se houvesse rumores de que andamos fazendo listas e escolhendo alunos.

Listas. Robert não sabia nada sobre listas. Perguntou-se o que haveria na dela. Com a tranquilidade proporcionada pelo longo tempo de prática, ele se absteve de franzir a testa. Ela provavelmente precisava de alguém que fosse bom de prosa — ou ao menos alguém que conseguisse proferir mais de duas frases.

— Seu segredo está a salvo. — Ele esperou um instante. — Mas e você?

— Eu o quê? — indagou ela, então abaixou a cabeça, constrangida. — Ah. Se eu escolhi um aluno, você quer dizer. Sim, escolhi.

Ele hesitou novamente. Será que sua voz parecia tão inadequada, distante e desesperada quanto ele se sentia ao tentar levar uma conversa civilizada? Isso costumava ser tão fácil...

— Posso perguntar quem é?

Embora ele estivesse parabenizando a si mesmo por ter sido polido, educado e gramaticalmente correto, o rosto de Lucinda se contraiu, e ela deu um passo para trás. *Maldição*. Depois de três anos de volta à Inglaterra, Robert deveria ter percebido que não fazia ideia de como se comportar de maneira civilizada, na mesma medida em que não sentia vontade alguma de fazê-lo. Geralmente. Até aquela tarde, quando Lucinda Barrett o procurara para continuar uma conversa.

— Descul...

— Lorde Geoffrey Newcombe — disse ela, interrompendo seu pedido de desculpas.

— Você quer se casar com Geoffrey Newcombe? — indagou ele, surpreso com a escolha. — Meu Deus, mas por quê?

Lucinda corou novamente, não de forma tão bela dessa vez.

— Decidimos dar lições para ensinar os homens a serem cavalheiros. A ideia é ver se consigo convencê-lo ou persuadi-lo a agir conforme os itens da minha lista. Apenas isso.

— Então o resultado final não é o casamen...

— Não! Espero que você não pense que eu tentaria ludibriar alguém para que se casasse comigo.

— Eu...

— Não tenho necessidade alguma de me rebaixar a esse nível, senhor. E não aprecio tal implicação.

Dando as costas para Robert, ela se afastou. Um instante depois, descia as escadas com passos pesados. Evidentemente, não estava mais tentando ser furtiva.

Robert ficou um instante parado, então abaixou-se para pegar o livro que deixara cair sem perceber. Inferno. Obviamente, ele não estava mais preparado para retornar à Sociedade do que três anos antes. E até cinco minutos antes, à exceção de alguns devaneios fugazes que envolviam a mulher que tinha acabado de insultar, não teria se importado.

Robert reabriu o livro, olhando distraído para a página. O sorriso de Lucinda o fizera sentir-se quase... humano. Era uma sensação à qual poderia se acostumar. Recostando-se, ergueu o olhar para a janela. É claro que, se um dia esperava que ela sorrisse outra vez em sua presença, precisaria se desculpar. E logo, enquanto ainda faria alguma diferença.

## Capítulo 2

}

*Ele deve ter sido uma criatura digna em seus melhores dias, uma vez que, mesmo agora, nesse estado deplorável, é uma pessoa tão cativante e amável.*

— Robert Walton, *Frankenstein*

LUCINDA CHEGOU AO SARAU DOS Wellcrist acompanhada pelo pai. Um ano e meio antes, o General Barrett teria afirmado que os festejos eram um tédio e optado por ir a um clube com seus amigos políticos. Um ano e meio antes, no entanto, sua filha tinha companhia para os eventos da Temporada.

Na época, ela, Georgiana e Evelyn eram praticamente inseparáveis — as Três Irmãs, como muitos membros da alta sociedade as chamavam. Agora, contudo, por mais que continuassem muito afeiçoadas umas às outras, Georgie e Evie haviam encontrado o amor — e, com isso, obrigações em outros lugares. O general percebera isso antes quase da própria Lucinda e, como um bom estrategista militar, mudara de tática para se adequar à nova situação. Obviamente se preocupava com a filha; sua presença naquela noite indicava isso. E a preocupação do pai, por sua vez, preocupava a filha.

Aí entrava Lorde Geoffrey Newcombe.

As lições davam a ela uma desculpa, uma justificativa, ainda que apenas em sua cabeça, para se aproximar de Geoffrey. Mesmo assim, sabia muito bem por que o escolhera. O general queria vê-la feliz e bem cuidada, e Lucinda queria tanto tranquilizá-lo quanto zelar por ele. Esse era o dever que impusera a si mesma — e que havia sido interrompido apenas quando o pai fora para a guerra — desde que tinha 5 anos.

Após uma análise cuidadosa, decidiu que se casar com o quarto e mais jovem filho do Duque de Fenley era a solução quase perfeita. Lucinda gostava dele, o pai gostava dele, e a combinação de seu dote com o estipêndio de Geoffrey os deixaria em uma situação

bastante confortável. Além disso, ele não parecia sofrer com vícios ou dívidas de jogo. Era seguro, estável, aprazível e descomplicado — e provavelmente não acrescentaria mais um fardo à sua agitada vida nem se ressentiria dos seus afazeres ou da sua afeição pelo pai.

— Ah, ali está o Almirante Hunt, com aquele Carroway presunçoso — disse o general, um lampejo bélico reluzindo nos olhos cinza-aço. — Hora de afundar a Marinha.

Bradshaw Carroway conseguira retornar mais cedo para Londres. Não que sua engenhosidade surpreendesse Lucinda. Para falar a verdade, se não fosse por sua carreira naval, talvez o charmoso tenente estivesse no topo de sua lista de candidatos. Casar-se com um homem da Marinha, no entanto, faria seu pai sofrer uma apoplexia.

— Seja gentil com o almirante, papai — pediu ela, meio de brincadeira. — Sem brigas.

— É claro que não. Apenas abuso verbal, minha querida. — Ele hesitou. — A menos que você prefira...

Ela o dispensou, sem esperar que ele se oferecesse para lhe fazer companhia a noite toda.

— Vá.

Dando um beijo rápido em sua bochecha, o general se afastou para confrontar seu mais velho amigo e maior rival. O pobre Tenente Bradshaw estava prestes a ficar encurralado em meio ao fogo cruzado. O sorriso em seus lábios aumentou quando Lucinda olhou para a mesa de bebidas. Partiu na direção de Evelyn, mas desacelerou quando Lorde St. Aubyn apareceu ao lado da esposa com duas taças de vinho. Lucinda suspirou. Três costumava ser um bom número. Agora, no entanto...

— Srta. Barrett — chamou uma voz atrás dela.

Com um sobressalto, Lucinda se virou e deparou com o rosto redondo e sorridente de seu pretendente mais determinado.

— Sr. Henning — cumprimentou, com um meneio da cabeça.

Lucinda não saberia dizer o que era pior: ser o terceiro membro de um casal feliz ou o segundo membro de um casal indesejado.

— Por favor pode me chamar de Francis. Não há necessidade de formalidades entre nós, não acha? — Ele olhou para o programa de

baile que Lucinda segurava antes que ela pudesse escondê-lo. — Ah, vejo que ainda tem uma valsa livre. Esplêndido. Me daria a honra? Minha avó está presente, você deve vir cumprimentá-la. A velhinha morre de amores por mim, sabe, e ver-me com uma moça tão adorável quanto você, bem, certamente a agradará.

A última coisa que Lucinda queria fazer aquela noite era ficar emboscada em uma conversa com a tirânica Agnes Henning, mas assentiu mesmo assim.

— Permita que eu me organize, depois certamente irei cumprimentá-la — respondeu, dando um sorriso encantador para Francis e escapulindo antes que ele pudesse lembrá-la da valsa.

— Essa foi por pouco — disse uma voz grave, menos familiar, atrás dela.

*Hum.* Ao que parecia, a noite tinha começado a melhorar.

— Lorde Geoffrey — respondeu ela, fazendo uma reverência, contente com o leve tremor que sentiu descer pela espinha.

Olhos de um verde-esmeralda deslumbrante, admirados por muitas moças, escorregaram pelo decote profundo de seu vestido marrom e subiram até seu rosto.

— Lucinda Barrett. Permita-me cumprimentá-la pela brilhante estratégia usada contra Henning. Cá estava eu, prestes a resgatá-la, mas a senhorita conseguiu evitar colocá-lo em seu programa de baile por conta própria.

Ela corou, desejando, para seu próprio bem, que Henning tivesse escolhido um local menos visível para abordá-la. Certamente não queria envergonhá-lo.

— Ah, eu não...

— O que quer dizer, se não estou enganado, que a senhorita ainda tem uma valsa em aberto. Posso? — Ele estendeu o braço, pegou o programa e o lápis da mão de Lucinda e escreveu seu próprio nome. — Este é nosso objetivo da noite — continuou, indicando com a cabeça um grupo de jovens que rodeava a debutante Elizabeth Fairchild —, manter Henning longe da pista de dança. Aquele homem é um perigo para tudo que ande sobre duas pernas.

— Bem, talvez o Sr. Henning pise mesmo em alguns dedos — respondeu ela, contendo uma careta quando avistou Georgie

sorrindo para ela do outro lado do salão —, mas certamente não é o único...

— Um bestalhão por vez, Lucinda. Quando ele aprender a lição, passamos para o próximo. — Lorde Geoffrey abaixou a cabeça por cima da mão dela, um cacho louro ocultando um dos olhos brilhantes. — Até a valsa.

Quando Geoffrey se afastou, o grupo de amigos dele a cercou, o que a deixou com apenas uma dança disponível para o pobre Francis Henning. Ainda que não gostasse de dançar com o Sr. Henning, ela detestava ainda mais a ideia de alguém sendo boicotado nos bailes — ainda mais quando trouxera a avó de Yorkshire para o festejo.

Ela olhou para os ombros largos de Lorde Geoffrey enquanto ele se elencava no programa de baile de outra jovem. Hum. Um comportamento ruim do homem que Lucinda havia escolhido para ensinar uma lição. Ao menos assim podia citar uma razão legítima por tê-lo escolhido.

— Luce — chamou Georgiana, arrastando o marido, Lorde Dare, consigo. — Teve um bom começo, não é? — sussurrou, cumprimentando-a com um beijo no rosto.

— Shhh.

— Está bem. — A viscondessa se endireitou. — Vi o general conversando com o Almirante Hunt. Precisamos intervir?

— É claro que não — retrucou Dare. — Shaw parece estarrecido. Um pouquinho de pavor fará bem ao meu querido irmão.

Lucinda riu.

— Papai prometeu que não haverá derramamento de sangue. — Ela olhou mais atentamente para Georgiana, observando as bochechas rosadas e o quadril redondo saliente da amiga. — E eu pensei que você fosse ficar em casa esta noite — repreendeu. — Está frio demais lá fora.

— Foi o que eu disse a ela — corroborou Dare, erguendo a mão da esposa para dar um beijo em seus dedos. — Mas Georgie insistiu em passar cada segundo possível dançando comigo.

— Meu pobre e iludido Tristan — disse Georgiana com um sorriso divertido, colocando a mão no braço do marido. — Estou aqui pelas sobremesas.

A expressão dele amainou.

— Sobremesas, é? Para falar a verdade, sei de uma bem saborosa... — Ele parou de falar, enquanto olhava por cima do ombro da esposa. — O que é que *ele* está fazendo aqui?

Lucinda virou-se para entender sua expressão séria e surpresa. Ainda perto da porta do salão de baile, vestindo um traje cinza-escuro elegante e com uma expressão fria e atormentada, estava Robert Carroway.

— Minha nossa — sussurrou Georgiana. — Será que aconteceu algo em casa?

— Vou descobrir.

Mas, antes que Dare pudesse se mover, Robert os avistou e desapareceu na multidão com tamanha destreza que Lucinda ficou perplexa. Ainda estava se perguntando por que o irmão do meio da família Carroway aparecera por ali apenas para sumir novamente, sem uma única palavra, quando ele passou por entre Lorde Northrum e Lady Bryce e se juntou a eles.

— Bit — chamou Dare, baixinho, obviamente não tão surpreso com a furtividade do irmão como Lucinda. — Está tudo bem?

Robert assentiu.

— Eu fui convidado, sabe.

— Eu sei, mas...

— Bit! — Bradshaw atravessou o mar de convidados. — Fez-se o navio em pedaços! Que diabos você está fazendo aqui?

— “Fez-se o navio em pedaços”? — repetiu Dare, um pouco mais bem-humorado. — Muito náutico da sua parte.

— Eu...

— Eu queria trocar uma palavra com a Srta. Barrett — interrompeu Robert.

Lucinda observou a sobrancelha erguida de Dare e a perplexidade nos rostos de Bradshaw e Georgiana. Ao mesmo tempo, o desespero evidente no olhar de Robert a fez responder.

— É claro, Sr. Carroway.

— Bit, se você...

— Depois — retrucou ele bruscamente, gesticulando para que Lucinda o acompanhasse.

— Não é de se admirar que as pessoas digam que você é um fantasma — comentou ela. — Isso foi muito impressionante, em termos de furtividade.

Robert não respondeu nem lhe ofereceu o braço, mas aquilo não a incomodou. Estar ao lado dele já a deixava inquieta o suficiente. Tocá-lo provavelmente queimaria sua pele.

Olhares dos mais curiosos os seguiram, até Robert desacelerar e lançar seu próprio olhar, furioso, para trás. Abruptamente, eles se viram sozinhos na base da escadaria principal. Ele se virou para Lucinda e a encarou por um bom tempo, os olhos azul-escuros brilhando sob a luz fraca do candelabro.

— Eu vim para me desculpar — disse, por fim. — Por ontem.

Seu primeiro impulso, de dizer que um pedido de desculpas não era necessário e que ela mal havia pensado naquela breve conversa, nunca saiu de seus lábios. Aquilo o perturbara, obviamente, caso contrário jamais teria ido até ali para procurá-la.

— Obrigada — respondeu ela lentamente. — Você foi direto, mas, tendo em vista quanto sabe sobre nosso desafio das lições, sua conclusão foi completamente lógica.

— Eu fui rude.

Lucinda não pôde evitar dar um leve sorriso para aquele homem alto, magnífico e inquietante que insistia em se repreender diante dela.

— Você me pegou de surpresa, como qualquer bom soldado faria. O corpo dele estremeceu de leve.

— Eu *não sou* um bom soldado. — Com um aceno brusco de cabeça, ele finalmente voltou a olhar para a multidão murmurante. — Boa noite.

— Ainda tenho uma quadrilha livre no meu programa de baile — disse ela para as costas dele —, se quiser me acompanhar.

Ele parou.

— Ofereça a Henning — murmurou por cima do ombro. — Ele está sendo boicotado.

— Eu sei, era o que eu ia fazer. Só pensei que talvez você quisesse...

Antes que ela pudesse terminar, ele tinha sumido de novo. Se bem que, até onde sabia, poderia estar parado bem atrás dela.

Lucinda olhou para trás. Nada.

— Hum.

No debute de Lucinda, em Londres, seis anos antes, Robert Carroway, então com 21 anos de idade, dançara a quadrilha com ela. Talvez ele nem se lembrasse mais do episódio. Naquela época, ele aparecia apenas ocasionalmente em Londres, quando voltava para casa durante as férias da Universidade de Cambridge. Ela se lembrava dele como um bom dançarino, um jovem devastadoramente bonito e popular, com muita perspicácia e um futuro promissor. Entretanto, havia se juntado ao Exército para ir à guerra contra Napoleão Bonaparte.

— Lucinda? — chamou Georgiana, parando ao seu lado. — Está tudo bem?

— Sim, é claro. — Ela estremeceu. — Ele pensou que tinha me ofendido ontem e queria se desculpar.

— E tinha? Ofendido você, quero dizer.

— Céus, não. Apenas uma divergência de opiniões.

— “Opiniões” — repetiu Georgiana.

Lucinda pegou o braço da amiga, sorrindo.

— Sim. E, agora, eu gostaria de uma taça de vinho da Madeira. Conversei com Robert Carroway duas vezes em uma semana, e nós deveríamos tratar a situação com o máximo de mistério possível. — Ela riu, preparando-se para o barulho e a multidão do salão de baile, quando tudo que realmente queria era alguns instantes em silêncio. — Talvez até deixe Lorde Geoffrey com ciúmes.

— Por falar nele... — murmurou Georgie, indicando Geoffrey com o queixo.

O Adônis louro emergiu da multidão e a separou da amiga.

— Nossa valsa está começando — anunciou, transbordando charme e bom humor.

— Ah! Perdoe-me. Eu não tinha percebido.

— É compreensível, levando em consideração...

Ele envolveu sua cintura com o braço, e Lucinda escondeu o leve sorriso. Estava apenas brincando com Georgiana quanto a deixar qualquer um com ciúmes, embora Robert Carroway fosse um colírio para os olhos de toda mulher.

— Levando o que em consideração?

— Bem, primeiro a aparição do mudinho, depois o fato de ele ter falado. E com você — esclareceu Geoffrey, segurando a mão dela enquanto começavam a dançar. — Eu até cheguei a pensar que ele talvez tivesse morrido e sido enterrado por Dare no porão, ou algo assim.

— Mas que besteira — retrucou ela, sentindo-se irritada até perceber que a insensibilidade, ainda que compartilhada por boa parte da alta sociedade, apenas lhe proporcionava mais um exemplo da necessidade de suas lições. — Ele é apenas um soldado ferido.

— Eu mesmo levei um tiro no braço, em Waterloo — comentou Geoffrey, dando um sorriso radiante. — Uma dor tremenda. Devo contar sobre meus feitos heroicos?

Lucinda sabia que ele havia sido baleado. Na verdade, todo mundo sabia. Até já tinha ouvido a história. Mesmo assim, enquanto ele dava aquele seu sorriso exuberante, ela decidiu que permitir que Geoffrey a regalasse com uma de suas divertidas histórias de heroísmo seria uma boa forma de avaliar sua estratégia inicial... e de esquecer o olhar atormentador de um soldado bem diferente.

— Sim, por favor.

## k

Robert fez um desvio na volta para a Residência Carroway, parando por um bom tempo na entrada do Hyde Park. Nenhum ser humano de respeito estaria por ali depois da meia-noite. Soltando um leve suspiro que esfumaçou o ar gelado, afrouxou as rédeas de seu cavalo e deu uma batidinha em suas costelas. Os músculos se contraíram sob o pelo lustroso do baio e, com um salto, eles arrancaram.

Tolley lançou-se em um galope enlouquecido pela trilha pouco iluminada ao luar, e Robert inclinou-se para a frente, sobre o lombo do animal, estreitando os olhos por causa do vento no rosto. Tudo ao redor ficou imóvel e silencioso — o ranger do couro, os bater dos cascos e o grunhido da respiração de Tolley pareciam ser os únicos sons do mundo.

Em noites como aquela, quando deixava a casa silenciosa e escura e ia para o parque silencioso e escuro, Robert conseguia esquecer. Podia ser apenas um cavaleiro solitário em um cavalo veloz, com o vento no rosto e o mundo escancarado ao redor. Nada de paredes, nada de barras de aço, nada de choramingos contidos, gritos ou morte. Nada disso podia alcançá-lo. Em uma noite como aquela, nada podia encontrá-lo.

Finalmente, quando sentiu que a respiração de Tolley tinha se tornado mais pesada e seus passos mais curtos, desacelerou e tomou o rumo de casa. Os cavaliços estavam dormindo, mas ele preferia assim. Em silêncio, escovou o cavalo, deu-lhe uma maçã e o devolveu à baia. A porta da frente estaria destrancada, aguardando o retorno de Tristan, Georgiana e Shaw, então Robert entrou sem fazer barulho.

— Onde é que você estava?

Ele se encolheu todo, forçando os músculos tensos a relaxar novamente quando reconheceu a vozinha familiar.

— O que é que você está fazendo fora da cama? — retrucou, virando-se para a escadaria e para a figura esguia sentada no primeiro degrau, que agora se endireitava.

— Eu perguntei primeiro — declarou Edward, com cada gota de autoridade que seus 10 anos de idade conseguiam exprimir. — Fique sabendo que estou sentado aqui há mais de uma hora, enquanto você ia para sabe-se lá onde, para fazer sabe-se lá o quê.

Se fosse Tristan ou Bradshaw que o estivesse interrogando, Robert já estaria no andar de cima, com a porta do quarto trancada. Mas Edward, tremendo em seu pijama e segurando um soldadinho de metal que quase desaparecia em seu punho, era outra história.

— Eu tinha algo para resolver, Nanico — disse, puxando o garoto para um abraço, erguendo-o do chão quando sentiu aqueles bracinhos finos envolvendo seu pescoço.

— Eu estava preocupado. Não tenho idade para ser o homem da casa, você sabe, mas todo mundo saiu.

Robert jogou o irmão por cima do ombro e subiu as escadas, recusando-se a ceder à dor adicional no joelho ruim. Um irmão ainda não o via como quebrado, e ele comeria o pão que o diabo

amassou para impedir que isso mudasse. No fundo, sabia que comeria o pão que diabo amassou se isso mudasse.

— O que acordou você?

— Sonhei que o navio do Shaw afundava.

— Shaw está dançando no baile dos Wellcrist neste exato momento. Chegou hoje de manhã. Brigue com ele amanhã por não ter acordado você para avisar.

— Vou brigar — garantiu o menino, sonolento, quando chegaram ao seu quarto. — Você não vai sair de novo?

Robert colocou-o na cama e puxou as cobertas enquanto o garoto se acomodava nos travesseiros.

— Não. Boa noite, Nanico.

— Boa noite, Bit.

Enquanto fechava a porta e atravessava o corredor até o próprio quarto, Robert se perguntou por que o caçula tinha escolhido ele, entre todas as pessoas, para ser seu porto seguro. Sim, Robert estava ali boa parte do tempo, mas certamente não se via como uma pessoa confiável. De toda forma, os outros irmãos provocavam Edward por causa de seu medo de ficar sozinho em casa — afinal de contas, como ele podia pensar que estava sozinho em uma casa cheia de criados, além das tias, quando elas estavam na cidade?

Cinco anos antes, Robert não sabia ao certo se conseguiria responder a essa pergunta. Por outro lado, cinco anos antes, ainda não tinha ouvido falar em Château Pagnon — ou em *le comte*, o General Jean-Paul Barrere.

Enquanto tirava o casaco, caminhou até a janela para abri-la. O fogo quase apagado brilhou com mais força na lareira de pedras, então minguou novamente com o vento gelado, mas ele ignorou o frio repentino. A menos que estivesse nevando, sempre mantinha a janela aberta. Precisava do ar fresco para dormir — mesmo que esse ar “fresco” fosse o de Londres.

Pouco tempo depois, deitou-se na cama macia, os braços cruzados atrás da cabeça. Então Lucinda Barrett estava falando sério quando disse que havia escolhido Lorde Geoffrey Newcombe. Robert ficara para observar. Os dois formavam um casal formidável, dançando a valsa no sarau dos Wellcrist. *Ela* estava formidável,

sorrindo e conversando com as muitas amigas, um diamante em meio às pedras preciosas.

Robert suspirou. Não deveria ter ridicularizado a escolha dela, falando como se ainda tivesse alguma noção do que tornava uma pessoa aceitável. Ela fora gentil em aceitar seu pedido de desculpas e até pedira para ele ficar no baile. O mero fato de ele ter conseguido se forçar a ir ao sarau e conversar com Lucinda com certo decoro o surpreendia.

Ele se virou de lado, olhando para a janela. Um dia antes, não teria conseguido se imaginar comparecendo voluntariamente a uma perda de tempo sem sentido e lotada de pessoas como aquela. Tinha sido difícil, muito difícil, mas conseguira. E sabia por quê.

Ele não estava pensando nas paredes fechadas, na multidão, no calor ou no falatório fútil. Estava pensando na Srta. Barrett. E, no momento, pensava nela de novo. Ele a observava por detrás dos portões de seu inferno particular por três anos, mas agora tinham conversado. Lucinda não tinha percebido, é claro, mas o puxara um pouquinho na direção da luz. E agora tudo parecia... diferente.

Pela primeira vez em três anos, Robert dormiu pensando em calma, serenidade e um sorriso discreto, em vez de horrores, morte e se acordaria para ver a luz do dia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Lições de Amor 3 - Como salvar um heró..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).